

AUTORA BEST-SELLER DO USA TODAY

MEGHAN
QUINN



Madrinha
DE ALUGUEL



TRECHO ANTECIPADO PARA O LANÇAMENTO. VENDA PROIBIDA.



MEGHAN
QUINN
Madrinha
DE ALUGUEL

Tradução
Laís Medeiros



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Meghan Quinn, 2024
Copyright da tradução © Laís Medeiros, 2025
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Todos os direitos reservados.
Título original: *Bridesmade for hire*

Preparação: Elisa Martins
Revisão: Wélida Muniz e Bárbara Parente
Projeto gráfico e diagramação: Vivian Oliveira
Capa e ilustração de capa: Luísa Fantinel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Quinn, Meghan

Madrinha de aluguel / Meghan Quinn; tradução de Laís Medeiros. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2025.

416 p.

ISBN 978-85-422-3694-1

Título original: *Bridesmaid for Hire*

1. Ficção norte-americana 2. Chick lit I. Título II. Medeiros, Laís

25-2448

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

CAPÍTULO UM

BRODY

— **F**ELIZ ANIVERSÁRIO — DEANNA DIZ AO SE APROXIMAR DA MINHA MESA, segurando um prato com um pedaço de bolo e sorrindo como se soubesse de algo que eu não sei.

Nossa, ela é um ser humano desprezível.

Com a caneta na mão, recosto-me na cadeira e tento parecer o mais despreocupado possível, embora a pupila do Satanás esteja bem na minha frente.

— Obrigado. — Aceno com a cabeça para o bolo em sua mão. — Vejo que está desfrutando das festividades.

— E eu vejo que a sua escolha de bolo é tão sem graça quanto a sua cara. Viu só? Pupila do Satanás.

— Marion escolheu o bolo. Eu te desafio a dizer isso a ela.

Marion é a mãe do escritório, a velhinha excêntrica que está nesse emprego desde que Reginald Hopper fundou a Hopper Industries. Antes uma chefe sofisticada de saia-lápis e chapéu elegante, agora é uma idosa que vive se queixando da necessidade de fazer um permanente, embora nunca marque um horário no salão, fazendo com que ela ande por aí com os cabelos em um estilo meio Albert Einstein. Na minha opinião, combina muito com ela.

Deanna comprime os lábios e se remexe, claramente não mordendo a isca. Ninguém mexe com Marion, nem mesmo Reginald. Isso explica por que suas responsabilidades incluem pedir bolo, reabastecer a geladeira e ser rabugenta com todo mundo.

— Você ficou sabendo que o Papi Reggie vai decidir qual vai ser o novo ramo da empresa depois que a Princesinha Haisley se casar?

Primeiramente... Haisley é tudo, menos uma princesinha. Haisley Hopper é tão incompreendida dentro da empresa. Caçula dos três irmãos

Hopper, ela se demitiu da Hopper Industries e, com o próprio dinheiro, investiu em uma casa de aluguel para férias que decorou com o tema Dolly Parton, em Nashville. Com o faturamento, ela investiu em outra casa aqui em São Francisco, que decorou com o tema do filme *As Patricinhas de Beverly Hills*. E, pelo que ouvi falar, ela está expandindo o negócio cada vez mais.

Segundo, o termo “Papi Reggie” só é usado perto dos funcionários que ficam nos andares mais baixos, e se ele soubesse que é assim que o chamamos, seríamos colocados no olho da rua.

Terceiro... como ela sempre sabe dessas informações privilegiadas? Isso me deixa louco. Juro, ela nunca trabalha, só perambula pelo escritório feito um duende pentelho, bisbilhotando conversas alheias e anotando tudo para vir encher o meu saco depois.

— Sim, eu soube — minto. Nunca entrego os pontos para essa mulher.
— Está nervosa?

— Nem um pouco — responde com um sorriso de orelha a orelha que exibe um deboche tão descarado que assustaria até uma cobra trocando de pele.

Clico o topo da minha caneta, mantendo o olhar nela.

— Talvez devesse estar.

Ela revira os olhos.

— Ah, por favor. A família Hopper vai estar nas nuvens quando voltar do *casamento* extravagante em Bora Bora. A marcha nupcial ainda vai estar tocando nos ouvidos deles, e quando lhes forem apresentadas duas ideias, vão se atrair bem mais pela minha proposta de serviços de casamento do que pela sua proposta idiota de lojas para alugar.

Não é idiota.

É bem inteligente, na verdade.

Uma proposta de negócios que pode ajudar não somente a economia da cidade, mas também a Hopper Industries. Deanna se recusa a abrir suas pálpebras inflamadas para enxergar isso.

Mantendo a expressão neutra, digo:

— Bem, acho que veremos.

— Admita logo, você está com medo.

— Não estou com medo. — Talvez eu esteja com um pouco de medo. A ideia dela tem mérito. Ela quer expandir para a indústria de casamentos, usando prédios comerciais como espaços para cerimônias. E diante do fato de que os Hopper voltarão logo após presenciar votos matrimoniais em uma praia em frente a um lago, a revista *The Registry* publicou um artigo

completo sobre o evento, talvez eu esteja ferrado. Porra. — Que fofo você achar que eu te considero uma competição.

Ela espeta um pedaço de bolo com o garfo e o leva à boca.

— Continue fingindo. Isso o manterá iludido e evitará que o seu ego masculino frágil se estilhace em mil pedaços. — Ela começa a se afastar, mas antes aponta a cabeça para a tela do meu computador. — Ah, e talvez seja melhor não abrir o site da concorrência no seu computador para todo mundo ver.

— Isso se chama pesquisa — digo quando ela se afasta, com seu rabo de cavalo estúpido e cheio de frizz balançando a cada passo. — Chata pra caralho — murmuro ao voltar a atenção para o computador, onde o site da Cane Enterprises está completamente à mostra.

Huxley, JP e Breaker Cane, os irmãos donos da empresa, são os maiores concorrentes da Hopper Industries. Sua sede fica em Los Angeles e eles já expandiram o negócio para as duas costas, além de também terem se instalado na Costa do Pacífico e começado a reformar antigos edifícios comerciais para transformá-los em unidades de moradia popular. Isso lhes garante uma enorme isenção fiscal e deixa a empresa deles muito bem na fita. Também acaba impulsionando a economia, criando um ambiente onde famílias de baixa renda não tenham que gastar tudo o que ganham somente para ter um teto sobre a cabeça, o que significa que podem gastar com outras coisas. É brilhante e tenho acompanhado a transformação de longe.

Papi Reggie também. E ele não está nem um pouco feliz com os Cane “invadindo seu espaço”. Foi por isso que ele nos encarregou de elaborar uma nova ideia para expandir a Hopper Industries para o espaço comercial. Com os avanços tecnológicos permitindo que funcionários trabalhem de casa, há espaços comerciais vazios surgindo por toda a cidade. Papi Reggie quer investir nesses edifícios com uma ideia grandiosa.

Deanna e sua calça mal ajustada teve a ideia de expandir para a indústria de casamentos.

E eu... bom, eu tive uma ideia bem mais criativa e com alto valor. Algo moderno e inovador. Minha proposta é pegarmos alguns dos espaços comerciais menores e transformá-los em lojas temporárias para aluguel.

Eu sei o que está pensando... como isso vai competir com a bilionária indústria de casamentos?

Bom, não compete.

Mas... acrescenta uma perspectiva moderna à empresa.

Atualmente, a Hopper Industries é conhecida por sua cadeia de hotéis, que vai desde estadias luxuosas até pernoites acessíveis, e também são os maiores produtores de amêndoas da Califórnia. Com mais de duzentos hectares de terras agrícolas na região central do estado, é possível encontrar a Hopper Almonds em todos os supermercados, postos de combustível e aeroportos. Mas é só isso.

Entre fazendas e hotéis, não há nada moderno na Hopper Industries. É aí que eu entro.

Minha proposta: pegar lojas vazias em áreas comerciais populares, reformá-las transformando-as em amplos espaços brancos ou dar um toque mais sombrio e melancólico, e alugá-las como butiques temporárias ou até mesmo espaços de reuniões para empresários que vierem à cidade por curtos períodos e precisarem de um local físico para isso.

Como eu disse, é uma indústria bilionária? Não.

Mas vai atrair um mercado mais jovem, criar um *buzz* nas redes sociais e ser algo que poderemos expandir por todo o país como uma experiência única? Sim.

Acho que vai ganhar do espetáculo que Deanna está armando? Bom, digamos apenas que... talvez eu esteja com um pouco de medo.

— Você comeu bolo? — Jaleesa pergunta ao se aproximar da minha mesa, arrancando-me dos meus pensamentos desesperados.

Jaleesa é minha gestora direta, minha melhor amiga na empresa e a razão pela qual consegui a oportunidade de elaborar uma proposta para a família Hopper.

Viro-me para ela, mais relaxado, já que nos damos tão bem. É fácil trabalhar com alguém que acredita na gente.

— Bolo branco com cobertura de baunilha não é muito a minha praia — respondo.

— É a da Marion, por isso que ela pede toda vez.

— Não me surpreende.

Ela olha por cima do ombro e, em seguida, puxa uma das cadeiras ali perto.

— Vi Deanna aqui. Ela estava te provocando?

— Quando é que ela não me provoca? — Balanço a cabeça. — Ela acha que está em vantagem com a ideia de expandir para a indústria de casamentos.

Diante de seu silêncio imediato e o jeito com que ela retorce os lábios, deduzo que Jaleesa sabe de algo que eu não sei.

— O que foi? — pergunto.

Ela olha em volta novamente e quando se certifica de que a barra está limpa, inclina-se para mim.

— Na verdade, eu vim aqui porque fiquei sabendo que Reginald está mais inclinado a aprovar a ideia de Deanna.

É claro que ele está, porra. É a escolha mais fácil.

— Merda — resmungo, esfregando a testa.

— E essa nem é a pior parte.

Minha mão congela na testa.

— Qual é a pior parte?

A expressão pesarosa no rosto de Jaleesa quase faz as minhas bolas murcharem e entrarem para dentro do corpo, indo parar no meu estômago. Seja lá o que ela estiver prestes a dizer, sei que vou odiar.

— Se a Deanna ganhar, ela vai se tornar gestora, este setor vai ser desfeito e você vai acabar sob a gestão dela.

Sinto minha alma fugir do corpo.

E sabe as minhas bolas, que estavam querendo visitar meu estômago? Pois é, elas acabaram de passar direto e estão presas na minha garganta.

Mas nem fodendo.

Imagine chegar ao trabalho, dia após dia, sendo subordinado ao ser humano mais arrogante que você já conheceu. Tendo que dizer “Sim, senhora”.

Vou providenciar os relatórios para você.

Oh, claro, eu adoraria trabalhar até mais tarde com você.

Era isso que você tinha em mente com essa apresentação? Ou devo refazer tudo o que passei duas semanas aperfeiçoando e terminar em cinco horas para que possa aprovar?

Isso não pode acontecer.

Ela faria da minha vida um inferno.

— Pelo seu olhar desolado, acho que não era isso que você queria ouvir.

— Não era mesmo — confirmo. — Mas e você, para onde iria? Não seria mais gestora? Ah, porra, você seria chefe da Deanna e a Deanna, minha chefe?

— Não sei bem da logística, mas sei que tenho pensado em pedir demissão.

— O quê? — pergunto, endireitando as costas. — Por quê?

— Eu quero um trabalho remoto. Minha esposa se aposentou e nós queremos viajar. Estamos pensando em pegar uma van e sair pelo país. Quero um trabalho que eu possa fazer enquanto estiver viajando.

Isso é novidade para mim. Sou bem próximo de Jaleesa e é a primeira vez que ouço isso.

— E a sua casa? — Jaleesa e Mary Anne têm uma linda casa de tijolos marrons no cobiçado bairro Marina, em São Francisco.

— Se der certo, vamos vendê-la. Já está quitada e vale mais de um milhão de dólares. — Ela dá de ombros. — Seria o suficiente para nós.

— Jesus — digo ao me recostar na cadeira, tentando assimilar os últimos minutos. — Então... você vai pedir demissão de qualquer forma?

— Provavelmente — ela responde. — Odeio ter que te dar essa notícia assim, mas achei que você deveria saber. Vou ficar até que a decisão seja tomada, para que você tenha mais chances de ganhar a proposta. Não quero que o Reginald pense que estou abandonando o projeto.

— Fico grato por isso — digo com um suspiro. — Que merda, Jaleesa, não vai ser a mesma coisa sem você.

— Eu sei. — Ela abre um sorriso sugestivo. — Mas tenho fé na sua proposta. Tanto que vou te dar isto.

Ela me entrega um envelope cor de creme com o brasão dos Hopper gravado em alto relevo.

— O que é isso? — questiono.

Ela tamborila no envelope.

— Abra.

Viro-o e deslizo o dedo por baixo da aba, abrindo-o. O papel grosso grita luxo e, ao retirar o conteúdo, entendo exatamente por quê.

— Um convite para o casamento de Haisley? — indago.

Jaleesa faz que sim.

— Todos os gestores executivos foram convidados, mas com a venda da casa e a tentativa de colocar a vida em ordem, não tenho disponibilidade. Mas você pode ir no meu lugar.

— Por que eu iria? — pergunto.

Ela me lança um olhar, como se eu fosse idiota.

— Primeiro, é o evento do século. Segundo, vai ser em Bora Bora. Terceiro, isso te dará a oportunidade perfeita para ficar mais próximo de Reginald. Não vai te garantir acesso à família, mas se de alguma forma você conseguir causar uma boa impressão, sem falar de negócios, ele vai se lembrar de você no instante em que apresentar a sua ideia quando eles voltarem. Pode ser a vantagem extra de que você precisa. E, ah, se conseguir fazê-los notarem você chorando durante a linda e comovente cerimônia, talvez isso te dê mais vantagem ainda.

Eu nem sei chorar, muito menos em um casamento no qual não tenho o menor interesse.

Se bem que... se Deanna se tornar minha gestora, talvez eu acabe desabrindo como fazer minhas vias lacrimais funcionarem.

— Você não acha que eles vão ficar bravos se eu for no seu lugar?

— Eu vou dizer ao Reginald que surgiu alguma emergência familiar, mas que vou mandar alguém para me representar e ajudar com qualquer coisa que possam precisar. Não que eles já não tenham umas cem pessoas ajudando, mas, sabe, isso o fará sentir que apoiamos a família e que nos importamos com a ocasião.

Baixo o olhar para o convite, tracejando com o dedo os nomes dourados em alto relevo.

Haisley Hopper e Jude Galloway

Será que consigo mesmo fazer isso?

Pegar um voo para Bora Bora, comparecer ao casamento e me aproximar de Reginald o suficiente para causar uma boa impressão?

Parece-me mais uma missão suicida.

Como isso pode dar certo?

Claro, eu poderia ir ao casamento, mas teria algum momento livre em que eu poderia realmente conversar com ele, cara a cara?

Reginald estará ocupado com a família. Não sei se ele me daria ao menos um segundo de seu tempo. Sem contar que ele provavelmente nem vai me reconhecer.

— Não sei — digo, tentando devolver o convite para ela.

Mas ela não o pega.

Jaleesa pousa a mão em meu braço.

— Brody, se é isso que você quer, se realmente acredita na sua proposta, é hora de testar a sua coragem. Você precisa fazer tudo ao seu alcance para se sair melhor que Deanna. Nesse momento, ela está com mais vantagens do que você. Então ou você agarra essa oportunidade e extrai dela o melhor que puder, ou fica aí sentado torcendo para que, quando Reginald voltar de Bora Bora, ele esteja disposto a te ouvir apesar de estar com os olhos brilhando com coraçõezinhos de casamento.

Meu Deus. Olhos brilhando com coraçõezinhos de casamento.

Ela tem razão. O coroa provavelmente vai voltar cheio de críticas ou elogios depois de celebrar o amor de sua filha, e vai querer aplicar tudo isso em um novo empreendimento. E a proposta de Deanna estará lá, implorando para ser esse empreendimento.

— Vendo por esse lado... — resmungo, fazendo-a rir.

— Parece que você vai para Bora Bora.
Esfrego o rosto.
— Como é que eu vou pagar isso?
— Pegando um voo mais barato e alugando um quarto na casa de alguém.
Gaste o seu dinheiro em roupas e bebidas. Finja costume.
Solto uma lufada de ar pela boca.
— Jesus... é melhor que eu ganhe essa proposta.



CAPÍTULO DOIS

MAGGIE

JÁ VIU UM DAQUELES FILMES EM QUE A CÂMERA FOCA NO PERSONAGEM PRINCIPAL caminhando pomposo vivendo seu dia, peito estufado, um sorriso enorme enfeitando o rosto, tudo indo exatamente como o esperado, enquanto a música “Walking on Sunshine” toca ao fundo, indicando aos espectadores que não tem como a vida ficar melhor?

Bem... essa sou eu nesse momento.

Considere-me *#abençoada*.

O sol está brilhando.

Estou em um paraíso tropical.

Meus seios nunca estiveram tão atraentes em um biquíni.

E meu bronzamento artificial me confere um brilho que faz parecer que estou nesta ilha há um mês, quando, na verdade, ainda é o meu primeiro dia.

Chapéu de aba baixa, óculos escuros enormes e uma canga cor-de-rosa que expõe o suficiente para chamar atenção, mas ainda cobre a calcinha fio dental ousada do biquíni que escolhi.

Aham... adivinhou corretamente. Estou de férias aqui com um único propósito: conhecer um homem de sunga e fazer sexo selvagem com ele na beira da piscina particular do meu bangalô flutuante com vista para o Monte Otemanu.

É por isso que meus seios estão cobertos pela mixaria de tecido em formato de triângulos que é a parte de cima do meu biquíni. É por isso que escolhi uma calcinha fio dental de cintura alta para exibir minhas curvas, e é por isso que borrifei perfume no meu pescoço, pulsos... e parte interna das coxas.

Está na hora de limpar as teias de aranha e permitir que meu corpo seja meticulosamente dominado, de preferência por um homem com covinhas na lombar e um volume duas vezes maior que o meu punho.

Essa garota aqui tem trabalhado para caramba.

Casamento após casamento após casamento.

Caso ainda não saiba, sou a orgulhosa proprietária da Momentos Mágicos da Maggie, uma empresa promissora de organização de eventos em São Francisco. Abri o negócio assim que me formei, e no decorrer do último ano, trabalhei com clientes muito importantes, o que colocou meu nome em revistas de noiva por todo o país. Toda essa exposição impulsionou meu negócio de um jeito que me permitiu pagar um bangalô flutuante em Bora Bora, e também um voo de primeira classe no qual eu bebi champanhe demais, apaguei antes de servirem as refeições e acabei babando todo o meu travesseiro de cortesia da Saks Fifth Avenue.

E, claro, posso ter conseguido um desconto no bangalô, mas isso não vem ao caso. O que importa é que passei os últimos anos me esforçando pra cacete e estou pronta para tirar uma folga e focar em mim.

Porque, vou te dizer, meu ano tem sido um inferno, discutindo com pais bêbados que não conseguem compreender que suas filhinhas cresceram e tentam controlar festas de casamento com drama em excesso – como quando a dama de honra costumava transar com um dos padrinhos e agora não consegue sequer olhar para ele, muito menos estar perto dele. Lidei com pais divorciados chutando um ao outro “acidentalmente”. Bolos de casamento tortos com péssima estrutura porque a tia Susan achou que era melhor do que os profissionais. Velas caindo e incendiando o gramado de uma cerimônia ao ar livre – mesmo que eu tivesse avisado aos noivos que isso aconteceria. Flores sendo pisoteadas porque os convidados não entendiam que tinham que acessar as fileiras de cadeiras pela parte de fora, não pela passarela do altar. Juízes de paz atrasados, noivos caindo na água, noivas chorando e borrando a maquiagem antes da cerimônia, alianças desaparecendo, e tantas, tantas coisas mais.

Estou exausta.

O que significa que esta semana girará em torno de mim.

Nada de e-mails.

Nada de mensagens.

Nada de telefonemas às duas da manhã porque a noiva não pode caminhar até o altar sem seu gato ao seu lado e eu preciso encontrar um jeito de convencer os responsáveis pelo espaço do evento a permitirem felinos em suas instalações.

Não... essas férias se resumem a somente meus biquínis provocantes, meu bronzamento artificial reluzente e meu tão necessário prazer feminino.

E eu não podia ter escolhido um lugar melhor.

O Saint Hopper.

Localizado no nordeste da ilha de Bora Bora, rodeado por uma lagoa turquesa cheia de recifes de corais protegidos, é completamente pitoresco e inclui piscinas livres de crianças, espreguiçadeiras sombreadas por palmeiras e serviço à beira da piscina.

Paraíso.

Um paraíso completo.

— Bom dia — diz um funcionário que segura uma toalha enquanto me aproximo da área coberta ao lado da piscina.

— Bom dia — respondo, ao pegar a toalha com ele. — Oh, obrigada.

— Srta. Mitchell, certo? — pergunta.

Pouso a mão no peito, meus seios quase totalmente à mostra.

— Sim, sou eu.

Ele estende um dos braços para mim.

— Posso levá-la até sua espreguiçadeira?

— Seria um imenso prazer — digo ao segurar o braço dele, que é bem carnudo. Não demoro muito a perceber que a manga de sua camisa polo branca está bem apertada em seu bíceps volumoso, assim como as tatuagens que cobrem seus braços até os pulsos. Também noto as veias em suas mãos, indicando que esse homem gosta de ir à academia quando não está acompanhando mulheres até suas espreguiçadeiras à beira da piscina.

— Você trabalha aqui há muito tempo? — pergunto, querendo puxar assunto, já que meu corpo parece aprovar as tatuagens dele. Parece que basta isso para despertar os desejos dentro de mim.

— Há dois anos — responde ele ao me conduzir até uma espreguiçadeira no deque de madeira bem ao lado da piscina. Coberto por uma palmeira gigantesca e com uma pequena mesa ao lado, é o local perfeito para que eu possa relaxar e ler, talvez ouvir algumas das músicas de Hayes Farrow que costumam me fazer entrar no clima... *mexe as sobancelhas* se é que você me entende. — Minha esposa também trabalha aqui, e foi ela que me ajudou a conseguir o emprego.

Esposa? Hã, não é um termo que estou a fim de ouvir por aqui. Estes seios não estão reluzindo sob esse sol lindo e radiante para homens casados.

Mas, é óbvio, o Sr. Tatuado é comprometido. Com a beleza desse homem, só existia duas possibilidades: ou ele era comprometido ou um solteiro convicto, que pegava todas as solteiras que frequentavam o resort.

Uma pena que ele se encaixe na primeira categoria.

— Que amor. — Ofereço um sorriso, apesar da vontade de me desvencilhar dele. — Vocês se veem durante o expediente?

— Sim, vejo o rosto lindo dela toda vez que passo pelo saguão.

E, pior ainda, um homem perdidamente apaixonado.

Será que devo perguntar se ele tem algum irmão... primo... amigo?

Quem sabe com os mesmos tipos de tatuagens?

— Meu nome é Makani, e estarei a seu serviço hoje, então, por favor, srta. Mitchell, não hesite em me pedir qualquer coisa de que precisar.

Um orgasmo. Vocês vendem isso por aqui?

Abro ainda mais o sorriso.

— Obrigada, Makani. Fico muito grata.

— Quer que eu pegue alguma coisa agora?

— Um pouco daquela água com pepino seria fabuloso.

— É pra já — diz ele antes de se afastar.

Estendo a toalha na espreguiçadeira acolchoada e penduro a bolsa depois de pegar meu celular. Em seguida, retiro a canga e a penduro no encosto da espreguiçadeira, ajustando as tiras da calcinha do biquíni em meu quadril enquanto olho em torno da piscina.

Brisa na minha bunda.

Brisa nos meus mamilos.

Brisa em meus cabelos.

Sim, vai ser um dia maravilhoso. Posso sentir.

Alameda do orgasmo, aqui vou eu!

Há um casal ali a pouca distância de mim, juntos em uma cabana e, aparentemente, em lua de mel. Ótima escolha de lugar para privacidade.

Há outro casal na piscina, com suas bebidas empoleiradas na beira junto com um prato de frutas. Hum, parece delicioso.

Avisto mais um casal deitado nas espreguiçadeiras de frente para mim, de mãos dadas e de frente um para o outro.

E mais um casal, dessa vez mais velho, sentado junto nas escadas. Um dos homens está com um braço envolvendo outro homem, os dois com peitos robustos e peludos, e claramente nem um pouco interessados no meu decote saliente.

Sento-me na espreguiçadeira e dou mais uma olhada em volta da piscina.

Casal.

Casal.

Casal.

Casal.

Mas que droga é essa?

Procuro o contato da minha melhor amiga, Hattie, e envio mensagem.

Maggie

Primeiro dia aqui e acho que devo ter cometido um grande erro.
O hotel está cheio de gente apaixonada.

Hattie e eu nos conhecemos na faculdade. Ela era tudo que eu sempre quis e precisava em uma irmã e, sem que ela ao menos aprovasse, apeguei-me a ela imediatamente. Ela não ia mais a lugar algum. Eu a reivindiquei como minha pessoa e fim de papo.

Enquanto ela foi fazer mestrado, eu abri o meu negócio. Ela passou algumas noites no nosso apartamento em São Francisco me ajudando a encher envelopes ou me dando assistência enquanto eu montava uma apresentação de slides para um jantar de ensaio, mas sempre mantivemos o meu negócio e a nossa amizade separados. Porque se tem uma coisa capaz de arruinar uma amizade entre duas pessoas é elas empreenderem juntas.

E quando sua irmã morreu de câncer de mama, larguei tudo para estar ao lado dela. Eu sou capaz de mover montanhas só para arranjar tempo para Hattie, mesmo que signifique contratar outra planejadora de casamentos, uma concorrente, para coordenar um fim de semana de casamento para mim enquanto ajudo a minha melhor amiga.

Hattie

Você não gosta de estar rodeada por gente apaixonada? Você adora estar perto de mim e Hayes.

Aff, mencionei que ela está namorando e mora com o cara da voz mais linda da nossa geração? Hayes Farrow.

Pois é.

O homem que escreveu a linda letra da música número um do mundo inteiro: “The Reason”.

O próprio Sr. Turnê Mundial, com camisas em gola V, músculos proeminentes, dedos masculinos dedilhando as cordas de seu violão como se estivesse arrancando os corações de cada pessoa que cai aos seus pés. E pontos a mais pelas mechas de cabelo que caem por sua linda testa.

Sim, esse Hayes Farrow.

Maggie

Eu gosto de estar perto de você e Hayes porque ele tem cheiro de corpo quente em uma noite de verão, excitado e sarado, pronto para a ação.

Hattie

O que eu te disse sobre falar do meu namorado desse jeito?

Maggie

E o que eu respondi? É inevitável. Você está comprometida com o homem mais atraente do mundo.

Hattie

Coitado do cara de quem você tentar tirar a sunga em Bora Bora.

Maggie

Pelo visto, não vou poder tirar a sunga de ninguém. Não há homens solteiros por aqui. Parece que todos já estão envolvidos. Enlaçados. Tão apaixonados que ninguém sequer notou que eu quase paguei peitinho quando me sentei na espreguiçadeira.

Hattie

Você escolheu o biquíni cor-de-rosa no seu primeiro dia?

Maggie

Claro que sim. Tinha que fazer uma entrada triunfal já de cara. Infelizmente, não tem ninguém aqui para assistir à minha entrada triunfal perfeitamente planejada.

Hattie

Vai ver os homens solteiros ainda estão dormindo depois da noite de ontem.

Maggie

Hum... não tinha pensado nisso.

Hattie

Sugiro então que, por enquanto, você relaxe, aproveite o sol e, mais tarde, quando os solteiros saírem de seus bangalôs, de ressaca, você vai ter a chance de pagar peitinho para o público-alvo.

Maggie

Só me resta esperar. Mas anote as minhas palavras, Hattie, se eu não acabar tendo pelo menos dois orgasmos que não tenham sido autoestimulados nessa viagem, ficarei tentada a ir até o seu irmão, agarrá-lo pelos cabelos e apresentá-lo aos meus seios esfregando a cara dele bem no meio deles. Fazer aquele homem voltar à vida.

Hattie

Pelo amor de Deus, nem chegue perto do Ryland. Ele mal consegue dar conta do Mac, uma criança de quatro anos, então seria impossível ele dar conta de você. Além disso, seria estranho.

Maggie

Você está namorando o melhor amigo dele. Por que ele não pode namorar a sua melhor amiga? E você não pode dizer que é pela diferença de idade, porque é a mesma que há entre você e Hayes. Doze anos... por mim, tudo bem.

Hattie

Seria estranho porque vocês dois não têm nada em comum. Você trabalha em São Francisco, a vida dele está em Almond Bay, e na última vez em que você me visitou, disse até que ele era como o irmão mais velho que você nunca teve. Quer mesmo esfregar o rosto do seu irmão mais velho nos seus peitos?

Maggie

É tão irritante quando você tem razão.

Hattie

Apenas relaxe, pare de se preocupar em “dar para alguém” e divirta-se.

Maggie

Tá bom. Mas hoje à noite... os peitos serão usados como arma letal.

Hattie

Vou orar pelas pessoas em Bora Bora.

Maggie

É melhor mesmo.

Assim que deixo o celular de lado, Makani se aproxima com uma bandeja.

— Aproveitei e também trouxe algumas frutas frescas. Espero que não se importe.

— Ai, meu Deus! Eu ia mesmo te pedir isso depois de ver o prato daquele casal ali.

Makani pousou a água e o prato de frutas na mesinha ao meu lado.

— Suspeitei. — Ele enfia a bandeja sob um dos braços e pergunta: — Gostaria de mais alguma coisa, srta. Mitchell?

— Acho que não. Isso está ótimo.

— Bom, estarei logo ali no bar, caso precise de algo.

— Obrigada. — Aceno rapidamente para ele e coloco o prato de frutas no colo.

Essa deve ser a disposição de frutas mais linda que já vi. Cada pedaço está minuciosamente esculpido na forma de flores ou folhas, servindo mais como um deleite para os olhos do que um agrado refrescante para o estômago.

Como sou do tipo que gosta de fotografar tudo, tiro rapidamente uma foto do prato de frutas e envio para Hattie.

Solto o celular novamente e pego um pedaço de abacaxi em formato de folha.

— Você é uma belezinha, mas, agora, vou te comer — digo para a fruta tropical amarela antes de dar uma mordida.

E, meu Deus do céu, é o pedaço de abacaxi mais fresco e suculento que já encostou em minhas papilas gustativas. Se eu estivesse sozinha, estaria gesticulando loucamente para demonstrar o quanto estava delicioso. Em vez disso, gemo baixinho e dou mais uma mordida. Makani acabará ficando de saco cheio de mim, porque vou pedir mais e mais desse abacaxi até seu turno terminar.

— Delícia — murmuro ao pegar um morango, porém a fruta escapuliu da minha mão e caiu no deque da piscina. — Nããão! — grunhi.

Que desperdício de um morango perfeito.

Resmungando, coloco o prato sobre a mesinha novamente, me levanto da espreguiçadeira e tento alcançar o morango que caiu debaixo dela.

Minha bunda quase nua, coberta somente pelo tecido ínfimo do biquíni fio dental, fica empinada para todo mundo ver quando me ponho de quatro para tentar alcançar o morango. Levo alguns segundos, esticando e balançando os dedos, mas consigo recuperar a fruta teimosa e a levanto, erguendo-a cheia de triunfo.

— Ah-rá! — digo no mesmo instante em que alguém esbarra com tudo em mim. Torno a derrubar o morango e caio por cima da espreguiçadeira, dando com a barriga no assento, ficando com as pernas penduradas de um lado e os braços pendurados do outro, e um corpo pesado aterrissa bem em cima de mim. — Ufff! — Fico sem fôlego.

— Merda, desculpe — ouço uma voz masculina dizer.

Masculina.

Um homem.

Caído por cima de mim.

Imediatamente, minha mente começa a se encher de fantasias românticas.

Aquela voz profunda, pedindo desculpa.

O corpo robusto bem em cima de mim.

E, pelo que consigo ver pelo canto dos olhos, um antebraço bem torneado se agitando ao lado do meu.

É isso.

É o meu encontro romântico.

E que encontro romântico perfeito.

Eu, com a bunda de fora, procurando por um morango – o jogador mais valioso desse cenário.

Ele, vagando sem rumo, provavelmente de ressaca da noite anterior, procurando por um lugar para se sentar quando, de repente, uma mulher curvilínea que teve a prudência de usar um biquíni minúsculo surge do nada com um morango na mão.

E, então, bum.

Colisão.

Queda.

E... amor.

Não é assim que sempre acontece nos primeiros encontros em comédias românticas que roubam o coração de qualquer um?

Um cenário bobinho e, então... o primeiro olhar.

Ela arfa, porque a linha da mandíbula dele é tão bem esculpida que ela poderia fatar presunto ali, fazer um sanduíche e dividir com ele ao estilo *A Dama e o Vagabundo*.

E ele também arfa porque, ops, a parte de cima do biquíni acabou escorregando e ele nunca viu um seio mais perfeito e luxuriante do que aquele em toda sua vida. É fim de jogo para ele. Aquele mamilo capturou sua atenção da maneira mais encantadora possível.

Ela parabeniza seus seios por cativarem o cara.

Ele agradece aos céus por ser tão descoordenado.

E, então, eles vivem felizes para sempre.

Insira aqui o gesto “beijo do chef”.

Não acredito que isso está acontecendo. Meu encontro romântico digno de filme.

— Desculpe — murmura ele novamente ao sair de cima de mim.

Sem problemas, bonitão, futuro marido e pai dos meus filhos bem-comportados.

Contenho o sorriso ao me levantar da espreguiçadeira.

Umedeço os lábios, querendo que eles reluzam ao sol.

E ao me virar para ficar de frente para o meu amante, o homem que me fornecerá paixão e orgasmos infinitos pelos próximos dez dias – e quem sabe um futuro repleto de sexo selvagem e um felizes para sempre –, estufo o peito, jogo o cabelo por cima do ombro e me preparo para olhar nos olhos do meu...

— Maggie?

Maggie? Espere, como o meu amante já sabe o meu nome?

Makani contou a ele?

Confusa, termino de me virar, porém o sol acaba ofuscando os traços da figura alta diante de mim.

Ombros largos.

Cabelo bagunçado.

E uma camisa justa que fica coladinha em seus bíceps grandes e cintura esguia.

Não conheço ninguém com esse tipo de corpo, além de Hayes, que saberia meu nome, mas ele está em São Francisco.

— Meu Deus, é você mesmo — diz ele.

Os pelos dos meus braços se eriçam, meus mamilos murcham feito feijões desidratados e minha pele se arrepia.

Não pode ser.

Ergo a mão para tapar o sol e, conforme começo a eclipsá-lo, o rosto do cara entra em cena. *Merda.*

Brody McFadden.

— O que é que você está fazendo aqui? — pergunto, enquanto meus sonhos e esperanças por um encontro romântico digno de filme se transformam em uma pilha de escombros em chamas.

— Eu deveria te perguntar a mesma coisa — responde ele, com o queixo empinado.

Gesticulo para minhas vestes apropriadas para um resort – bom, mais ou menos apropriadas.

— Estou de férias. — Só então percebo sua calça de moletom verde-clara, camiseta preta e tênis esportivos. — O que você está fazendo?

— De férias também — responde, percorrendo meu corpo com o olhar por um breve segundo, fazendo com que eu sinta a necessidade de me cobrir.

— Você não parece estar de férias.

— Mas estou. — Ele olha em volta, examinando a área da piscina.

— Então cadê a sua roupa de banho?

— Por que você se importa?

— Porque você está interrompendo a minha paz e estou tentando descobrir por quê.

— Quem disse que não é *você* que está interrompendo a *minha* paz? — Ele cruza os braços, e esse é exatamente um dos motivos pelos quais esse homem é tão irritante. Ele sempre tem uma resposta para tudo.

— Foi você que esbarrou em mim e me derrubou.

— Foi mesmo? — ele pergunta. — Me parece que eu estava passando inocentemente quando você surgiu do chão e quase acertou a mão na minha cara, o que me fez perder o equilíbrio e cair por cima de você. — Ele pressiona uma das mãos no peito. — Se quer saber, você me assustou e agora talvez eu precise que me pague uma bebida para acalmar os meus nervos.

— Meu Deus, você é um idiota. — Balanço a cabeça para o melhor amigo do meu irmão.

— Idiota ou negociante esperto?

— Idiota — digo ao me sentar na espreguiçadeira, ficando de péssimo humor. — Quanto tempo você vai ficar aqui? Só para que eu saiba por quanto tempo vou ter que suportar esse seu fedor.

— Dez dias — responde. — E esse fedor está vindo dos seus pés.

— Ah, vê se cresce! — E ele disse dez dias? NÃO! A menos que... — Quando começaram os seus dez dias?

— Hoje. — Ele sorri.

Escondo a decepção. É claro que começaram hoje. É claro que ele está no mesmo resort que eu. E é claro que ele é, sem dúvidas, o único homem solteiro por aqui. Apostaria o meu negócio inteiro nisso, porque foi com esse tipo de sorte que fui abençoada nessa vida.

Aqui estava eu, pensando que estava prestes a transar várias vezes em Bora Bora com um estranho bem-dotado feito um cavalo. E, em vez disso, vou ter que desviar do melhor amigo do meu irmão pelas piscinas, praias e atividades do resort.

— Pelo desdém no seu rosto, vou chutar que essa não era a notícia que você queria ouvir — zomba ele.

— A única coisa que quero ouvir agora é o som dos seus passos indo para bem longe de mim.

— É assim que se cumprimenta um velho amigo, Maggie?

Olho irritada para ele.

— Você não é um velho amigo, é o amigo *idiota* do meu irmão que acha que maionese faz parte da pirâmide alimentar. E eu não estou cumprimentando você, estou dispensando você. — Gesticulo para o lado. — Então circulando.

Com as mãos nos bolsos, ele abre um sorriso presunçoso para mim. Evito olhar diretamente para aquele sorrisinho, porque embora ele seja o homem mais irritante que já conheci, também é insanamente atraente – se lembra do *gemido*? – e não posso me deixar levar por... bem... ele.

— Foi um prazer ver você também, Maggie. Talvez possamos beber alguma coisa mais tarde, colocar o papo em dia.

Pego meu celular, que apita com a notificação de mensagem.

— Posso garantir que isso não vai acontecer. Adeus.

E, assim, dou as costas para ele e agradeço aos céus por ele ir embora.

Fico olhando para o celular, incapaz de assimilar a mensagem diante de mim enquanto minha mente gira de desgosto. Sério, Universo... por quê?

Por que você trouxe Brody McFadden ao meu lugar de paz?

Até onde sei, ele vai acabar fazendo as minhas férias serem insuportáveis. Provavelmente vai me ver conversando com algum cara solteiro no bar e começar a presenteá-lo com todas as histórias constrangedoras que Gary contou a ele.

Essas férias estão fadadas ao desastre.

Grunhindo de frustração, afundo na espreguiçadeira e abro minhas mensagens.

Estou pronta para encontrar uma mensagem de Hattie, mas, em vez disso, vejo uma notificação do meu Google Alerta. Eu o programei para certas pesquisas, o que inclui qualquer coisa relacionada a casamentos em São Francisco.

Dou uma olhada no alerta e vejo *Casamento Hopper marcado em Bora Bora. Como é que é?*

Antes que eu possa abrir, recebo uma mensagem da minha assistente, Everly. Esqueço-me completamente de Brody ao começar a ler.

Everly

Desculpe por incomodar, mas você disse que estava hospedada no Saint Hopper?

Maggie

Sim, por quê? Conhece alguém que também está aqui?

Everly

Se conheço pessoalmente? Não. Mas meu palpite é que VOCÊ vai querer conhecê-lo pessoalmente.

Maggie

Por favor, me diga que é um Chris Evans com barba e solteiro.

Everly

É Reginald Hopper e família. Você recebeu o alerta do Google?

Maggie

Acabei de receber, mas não li ainda. O que diz nele?

Everly

O casamento vai ser no Saint Hopper... essa semana. Que legal, não é? Você vai estar no mesmo resort do casamento do século.

Endireito as costas na espreguiçadeira, soltando um pequeno arquejo.

Reginald Hopper estará aqui? Neste resort? Para o casamento da filha?
Ai, meu Deus!

Reginald Hopper é o proprietário da Hopper Industries, e há boatos de que ele vai se aposentar em breve, deixando a empresa para um de seus três filhos: Hudson, Hardy ou Haisley. Pelo que fiquei sabendo, Reginald é bastante antiquado quando se trata de seu negócio. Ele tem feito algumas mudanças modernas recentemente graças às sugestões dos filhos, e grande parte do motivo se deve ao fato de que a Hopper Industries está começando a ser ofuscada pela Cane Enterprises – sim, eu estou por dentro das fofocas dos bilionários. E já que a Hopper Industries possui uma grande fatia do mercado hoteleiro, o que acaba oferecendo uma gama variada de espaços para casamentos, eu basicamente trocaria a minha melhor amiga por uma chance de fazer alguma conexão com esse homem. Afinal de contas, sou uma mulher de negócios, e ser uma organizadora de casamentos recomendada para cerimônias nos hotéis Hopper seria *muito* bom para a minha empresa.

Por favor, não conte à Hattie que eu a trocaria.

Em vez de responder por mensagem, ligo para Everly e me afundo novamente na espreguiçadeira, olhando em volta para me certificar de que ninguém possa me ouvir. Ao que parece, já que vim parar no vale dos casais, ninguém está lá muito incomodado comigo.

— Por favor, me diga que acabou de vê-los — diz Everly ao telefone. Não seria incrível? Em vez de esbarrar com Brody, eu poderia ter esbarrado em um dos Hopper. Mais uma vez, a sorte não está ao meu lado.

— Não, mas preciso dos detalhes. Eles virão mesmo para cá?

— Vão. Li em algum lugar que Haisley sempre sonhou em se casar em frente ao Lagoonarium que fica no meio do resort.

— É estranho eles não terem fechado o resort para o casamento. Quer dizer, seria a primeira coisa que eu faria se fosse a organizadora. — *Com os milhões que teria à minha disposição, se fosse uma Hopper.*

— Pensei a mesma coisa, mas Haisley insistiu em não estragar as férias dos outros. Ela é a pé no chão dentre eles, lembra?

— Sim, e ela vai se casar com o empreiteiro, não é? Uma situação tipo da pobreza à fortuna?

— Sim — Everly confirma. — É uma história tão linda.

Olho em volta da piscina, minha mente gira com possibilidades.

— Hum... será que há alguém aqui perto de mim que vai ao casamento?

— Maggie... o que você está tramando nessa sua cabecinha?

— Nada — digo, mesmo que minhas engrenagens estejam girando.

— Maggie, você está de férias. Só mencionei isso para que você não fosse pega de surpresa caso encontrasse com algum deles sem querer.

— O que seria totalmente ideal — digo. — O que eu não daria por pelo menos cinco minutos com Reginald.

— Isso soou meio pervertido.

Eu a ignoro e digo:

— Sabe, não faria mal eu ao menos me apresentar, não acha?

— Não faria mal, mas o que você vai fazer? Sair procurando por ele pelo resort inteiro? Duvido que ele vá estar passeando por aí para ser abordado pelo público.

— Eles são pessoas normais — digo. Mas isso parece tudo, menos normal.

A essa altura, eu faria praticamente qualquer coisa para cair nas graças de Reginald. Formar uma parceria com ele mudaria a minha vida. Faria o meu negócio decolar, me permitiria contratar mais pessoas e o nome Momentos Mágicos da Maggie cairia na boca do povo. Eu poderia expandir o meu negócio de uma costa a outra... as possibilidades são infinitas.

— Por que ficou calada? — pergunta Everly.

— Só estou pensando — respondo.

— Maggie, é sério, não vá se dar ao trabalho de fazer nada. Lembre-se... você precisa relaxar.

— Eu sei, e vou. Não se preocupe comigo — digo ao ver Makani levar um casal mais velho a espreguiçadeiras a poucos metros de onde estou. Chuto que eles têm quarenta e poucos anos, com aquele brilho jovial ainda presente. A mulher está usando um maiô com recortes nas laterais, e o homem, que presumo ser seu marido, diante das alianças em seus dedos, usa um calção de banho verde-limão. Ousados, mas gostei. Ofereço um sorriso simpático para eles.

— Mas *estou* preocupada — diz Everly. — Lembre-se, você está de férias porque tem estado muito estressada e precisa relaxar. Descanso e sunga. Descanso e sunga. Fique repetindo isso para si mesma.

— Sim, eu sei — digo com um suspiro pesado. É isso que acontece quando você contrata uma assistente competente: ela se importa com o seu bem-estar. Mas... estamos falando sobre Reginald Hopper. Entããã... o que os olhos de Everly não virem, o coração não vai sentir, não é? — Já estou relaxando com um prato de frutas. O modo férias foi ativado.

— O pai dela não permitirá isso — ouço a mulher ao meu lado dizer, quase alto o suficiente para todos em volta da piscina se envolverem na conversa.

— Ele gosta de tudo uniforme, tudo certinho. Eles terão que encontrar alguém para preencher o lugar.

— Mas as circunstâncias são diferentes — diz o marido. — É um casamento.

— Alô, você está aí? — Everly pergunta.

Não respondo, inclinando-me mais um pouco na direção do casal para poder xeretar melhor.

— Mas é o casamento de uma *Hopper*. Há padrões. Sinceramente, estou com pena de H. É uma droga a sua melhor amiga não poder comparecer ao seu casamento. Acho que vamos descobrir na festa de boas-vindas que eles vão dar hoje à noite.

— Vai ser a que horas mesmo? — pergunta o marido.

— Às seis, no Lanai Bar.

— Maggie?

— Espere aí — murmuro.

— Tenho que ir bem-vestido? — o cara pergunta. Tão típico de homem. Eu nem faço parte do evento e consigo sentir o cheiro do luxo daqui. *É claro que você vai ter que ir bem-vestido, cara.*

— Você vai precisar se vestir bem durante todo esse fim de semana, por isso fui eu que arrumei a sua mala. — Pois é, a mulher segurando as pontas para o marido, como sempre.

— O que está acontecendo, Maggie?

Viro de costas para o casal e digo:

— Acho que acabei de encontrar a minha porta de entrada.

— Sua porta de entrada para o quê? — pergunta Everly.

Sorriso.

— Para cair nas graças de Reginald Hopper.